

O CENÁRIO DO VAZIO: A INSERÇÃO DO LAZER NO ESPAÇO LITORÂNEO EUROPEU

REBECCA GUIMARÃES ENKE*

RESUMO

O presente trabalho procurou analisar a "descoberta" do espaço litorâneo pela sociedade europeia e o seu desejo em usufruir dos banhos de mar, de seus benefícios terapêuticos e da "invenção" de novos lazeres a beira mar. Dessa forma buscamos compreender o que levou a esta mudança de mentalidade da sociedade frente ao ambiente inóspito, ou seja, a praia.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço litorâneo; Lazer; Banhos terapêuticos.

ABSTRACT

This study sought to analyze the "discovery" of the coastal space by European society and its desire to take advantage of sea bathing, their therapeutic benefits and the "invention" of new leisure by the sea. Thus we sought to understand what led to this change in mindset of society against the harsh environment, the beach.

KEYWORDS: Coastal space; Leisure; Therapeutic baths.

O CENÁRIO DO VAZIO

A prática dos banhos de mar data da mais remota antiguidade. Hipócrates, Galeno e Celso já tinham conhecimento dos benefícios dos banhos de mar, prescrevendo a talassoterapia¹. Em tempos passados, relatos de pescadores e viajantes povoavam a imaginação de moradores próximos a costa do oceano descrevendo o mar

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: ekaenke@hotmail.com

¹ A Talassoterapia é um tratamento baseado nas propriedades curativas naturais da água do mar. A palavra passou a ser usada na França do século XIX, "thalassa" do grego significava mar e "therapeia" cura. Atualmente a talassoterapia é utilizada como um tratamento alternativo para melhorias da saúde e faz sucesso como uma atração turística popular para relaxamento e redução do estresse, bem como um método de antienvelhecimento e, de cura, mantendo a prática saudável do corpo.

"bravo" em toda sua fúria, suas água malditas, que enfeitiçando os homens a navegá-lo ou quem sabe desvendá-lo os sugavam para seu interior e os devoravam. Algumas descrições narravam histórias mirabolantes, de monstros marinhos engolindo embarcações inteiras, serpentes gigantescas e homens peixes atacando pequenos barcos de pescadores próximos a costa de areia.

O título da obra chama a atenção e seu conteúdo desbrava um "território" enigmático para o homem. Em "O território do vazio", Alain Corbin desenvolveu uma obra rica em referências sobre o mar "bravio" e seu litoral "inóspito". Nela assinalamos com razão a sensibilidade que o autor nos conduz a uma trajetória de infortúnios e encantos que este *território do vazio* representou e representa a todas as civilizações existentes. Corbin revelou a fascinante conexão que o mar e os seres humanos foram "criando", descrevendo a relação de "amor e ódio" entre ambos ao longo dos tempos.

No que concerne a época clássica, o autor nos mostrou que os homens ignoravam totalmente *o encanto das praias do mar e os prazeres da vilegiatura marítima*². De forma peremptória episódios na mitologia e na literatura clássica reforçavam a visão negativa do oceano. Era no litoral que escondiam-se os monstros, como

*Cila, cercada de seus cães que ladram, e a dissimulada Caribde, que devora e vomita suas vítimas. Poseidon, o Grego ou Netuno, o Etrusco, potências ctônicas em sua origem, deuses dos sismos e dos maremotos, herdaram, ao se tornarem divindades do mar, monstros que haviam povoado as águas do mundo egeu*³.

O retrato negativo "pintado" sobre a praia antiga esteve presente na época moderna, as lembranças dos desastres ocorridos durante a Idade Média prolongaram-se através dos séculos, devido aos infortúnios provenientes do mar. Segundo Corbin no final do século XVII e início do XVIII a repulsa dos homens frente ao oceano fazia parte das conversas sobre o assunto, talvez pelas nefastas

² CORBIN, Alain. *O território do vazio. A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 11.

³ Conforme a mitologia romana, o poeta Ovídio descreveu Cila como uma bela ninfa que foi transformada em monstro marinho. Ela tinha o torso de uma bela mulher mas, em volta da cintura, possuía seis cabeças de serpente com três fileiras de dentes e um círculo de doze cães ladradores. Os cães a alertavam quando um navio estava passando, de forma que ela pudesse capturar os navegantes. Já *Caríbdis* era um monstro marinho protetor de limites territoriais no mar. Na mitologia grega, Caribde três vezes por dia sorvia as águas do mar e três vezes por dia tornava a cuspi-las. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caribde> (Acesso: 23/03/2013).

catástrofes trazidas pelo mar como *o itinerário marítimo da peste negra, as contravenções dos piratas, os saqueadores de naufrágios, os contrabandistas e os bandidos das praia* (CORBIN, 1989: p. 24).

Naquela época famílias choravam a perda de seus entes para o mar, espaço este que ao mesmo tempo chocava por sua impetuosidade e no entanto atraía por sua imensidão infinita. O caráter indomável do oceano afugentou o ser humano da linha das areias litorâneas, as populações que as habitavam vivenciaram tragédias e o sentimento de repulsa passou a fazer parte do imaginário daqueles moradores.

Na alvorada do século XVII um grupo de poetas franceses, Théophile, Tristan e Saint Amant, inclinados a poesia barroca, divagam sobre a *alegria que a presença a beira mar desperta* (CORBIN, 1989: p. 30), provocando em seus seguidores a curiosidade de estar presente a este novo cenário.

Um texto significativo a respeito da admiração pela beleza do mar foi uma descrição do Padre Bouhours em 1671. Seus personagens mostravam-se sensíveis a inconstância do espetáculo e ao encanto da embarcação sobre as águas. Em seus escritos revelou que as pessoas nas praias de Flandres vão passear pelo bem estar proporcionado pelas conversas no caminho para a praia, abandonando-se aos devaneios presentes no espaço litorâneo, cada vez mais comuns entre seus frequentadores⁴ (CORBIN, 1989: p. 42).

O olhar dirigido ao litoral marítimo do início do século XVIII, mantém o temor pelo mar e a repulsa por suas praias e ao mesmo tempo contempla-o com admiração sua paisagem litorânea, e dessa forma o "desenho de um novo prazer" passou a ser cultivado pela sociedade ocidental, enunciando a vontade de *afrontar com o corpo o poder das ondas e de experimentar o sensível frescor da areia* (CORBIN, 1989: p. 64).

O cenário caótico atribuído ao mar foi sendo modificado através da prática turística, ou seja, pessoas interessadas em decifrar seus mistérios passaram a frequentar o espaço praiano a fim de "descobrir" o que de verdadeiro havia na literatura clássica, mítica e religiosa sobre o oceano. Com o tempo, poetas, pintores e artistas em momentos a beira mar referiam-se a ele como espaço purificador dos males da alma, referenciando-se ali a momentos nostálgicos.

⁴ Cf. Padre Bouhours *estavam Eugène e Arise sentados junto as dunas para observar o mar que se retraía docemente, e deixava sobre a areia, ao se retraindo, o traço e a figura de suas ondas, com espuma, cascalho e conchas, ficaram os dois a sonhar por algum tempo, sem se dizerem quase nada.*

Os homens em seu relacionamento distante com o mar, perceberam junto a natureza marítima um vínculo muito próximo que promoveria mudanças em seus deslocamentos durante o período de vilegiatura, ou seja, em seus momentos de descanso e lazer. Em Fernand Braudel elegemos a seguinte passagem para retratar o novo sentimento dos homens com relação ao litoral.

O mais belo testemunho é o do próprio mar. Isto tem de ser dito e repetido. É preciso vê-lo, uma e tantas vezes. [...] O mar restitui pacientemente as experiências do passado, devolve-lhes as primícias da vida, coloca-as sob um céu, numa paisagem que podemos ver com os nossos próprios olhos, análogos aos de outrora (BRAUDEL, s.d.: p. 17).

A partir da metade do século XVIII, a afluência de pessoas no beira mar intensificou-se. Elas passaram a buscar no litoral marinho o alívio para as angústias da vida "moderna". Para acalmar as novas ansiedades a sociedade dominante europeia passou a seguir o discurso de médicos e higienistas propagandistas das *virtudes da água fria do mar e, sobretudo, as vantagens do contato com as ondas e da vilegiatura costeira* (CORBIN, 1989: p. 69).

Diante da areia úmida e fremente, um novo olhar segue o curso das ondas e o sentimento de melancolia⁵ (EDLER, 2006: 36) tão em voga na época, complementa esta cena a beira mar, onde o homem se depara maravilhado frente a imensidão das águas marinhas prostrado em sentimentos adormecidos que, neste ambiente inóspito agitam a sua mente, e ao mesmo tempo vão sendo deixados para trás, através da visão constante da maré, em sua dança ritmada pelos ventos constantes do local.

Em sua *História da Melancolia*, Richard Burton exaltou os benefícios dos *rural sports*, aconselhando a aristocracia inglesa a prática da equitação, a pesca, a natação, o *football* e o *bowling*, entre outros jogos presentes nas recreações do "povo". Burton aconselhava a viagem como estratégia para os problemas da alma, além de trazer benefícios para corpo. A alternância cidade - campo foi adotada seguindo os preceitos terapêuticos indicados pela obra de Burton⁶.

⁵ Na obra de Flavio Coelho Edler, *Boticas e Farmácias*, o autor escreveu que a "melancolia", causada pelo excesso de bile, é provocada pela falta de amor. Para ele acomete, em sua maioria, as mulheres. (EDLER, 2006: p. 36).

⁶ Sobre o autor ver a obra de Jean-Robert Simon, *Robert Burton (1577-1640) et l'anatomie de la melancolie*. Paris: Didier, 1964. Cf. CORBIN, Alain. O território do vazio. Op.cit., 70-71.

UM NOVO OLHAR SOBRE O CENÁRIO DO VAZIO E OS BANHOS TERAPÊUTICOS

Segundo Helena Cristina Machado não é possível situar com rigor no tempo, o início do desejo de frequentar a praia (MACHADO, 2000: p. 201-218). A visão sobre a praia e o comportamento neste espaço passaram por transformações ao longo dos séculos, no qual observamos que,

durante o século XVIII e a primeira metade do século XIX, a praia é frequentada com finalidades terapêuticas; na segunda metade do século XIX até a segunda metade do século XX transforma-se progressivamente num lugar de aventura e sedução; finalmente, desde meados do século XX se converteu em local de consumo e de transformação (MACHADO, 2000: p. 204).

A relação estabelecida entre as elites europeias e o litoral marinho no século XIX mostrou a distinção social que passou a fazer parte deste espaço. O desenvolvimento do capitalismo e a emergência de novas fontes de poder econômico introduziram mudanças nas relações sociais, elegendo novos hábitos e práticas nos espaços naturais, como o contato com os banhos de mar e o desejo de estadia a beira mar, transformando a praia em local de exposição dos comportamentos da elite, ou seja, a "prática civilizada" dos banhos.

Os banhos frios inscreveram-se numa nova experiência para corpo humano. A recomendação médica disseminou uma transformação social, no qual a burguesia assumiu o papel de divulgar este novo "passatempo" nas estâncias climáticas e balneárias. O corpo passou a ser dotado de uma força própria, a representação corporal, não mais como uma matéria inerte, e sim modificada, como uma máquina "enérgica". A imagem corporal construída é coerente com a profunda transformação social que se operou no mundo Ocidental pós Revolução Industrial. Segundo Richard Sennet o individualismo, como expressão ideológica do capitalismo industrial. Reforçar a individualidade humana, percebendo de forma mecânica o funcionamento corporal e cortando os vínculos com a percepção da alma como fonte energética, leva por fim a enfatizar o individualismo das partes do corpo e das partes constituintes da sociedade (SENNET, 1997).

Conforme Ana Márcia Silva o discurso médico, fundamentado numa perspectiva hierárquica e numa visão conservadora de

mundo, reforçará a dicotomia sexual presente e o domínio que lhe corresponde. Às mulheres, crianças e doentes são imersos abruptamente de cabeça para baixo por um curista encarregado dessas tarefas e aos homens é dado o direito, ou imposição de enfrentar as ondas e de demonstrar a esperada coragem e virilidade. Ambos os acontecimentos, porém, têm a ver com as novas tecnologias vinculadas ao período, ou seja, ao fortalecimento ou enrijecimento do corpo (SILVA, Agosto/1999).

As diferenças de gênero são observadas também no que diz respeito à forma de perceber a nudez. No banho de mar, a nudez não é registrada entre as mulheres, mas a nudez masculina é admitida até meados do século XIX. A percepção do próprio corpo, com base nas indicações médicas, vai alterando as expectativas de uma maneira inédita na história, como se pode perceber nesse relato de Corbin:

O código estrito do pudor, que começa então a reinar, deixa pressentir a intensidade da sensação, penosa ou agradável. Para uma mulher da burguesia, há algo de extraordinário em deixar a privacy, ainda que seja em uma carruagem de banho, e deparar-se no espaço público, os cabelos soltos, os pés descalços, os quadris à mostra, ou seja, em trajes que se reserva para aquele com quem se escolheu partilhar a intimidade. Para compreender bem isso, é preciso pensar na intensa carga erótica dos tornozelos e da cabeleira femininos. O simples contato dos pés descalços com a areia já representa uma solicitação sensual, um substitutivo não muito consciente da masturbação. Para as burguesas condenadas ao lar, mais que para as aristocratas habituadas à vida mundana, a prescrição médica possibilita uma liberdade inesperada, reserva de insólitos prazeres (CORBIN, 1989: p. 89).

Alain Corbin afirmou que a maneira de banhar-se da burguesia diferia do banho das classes populares, onde a mistura dos sexos era permitida. Esse modo popular vai ser, mais tarde, dominado pelo modelo da burguesia com o auxílio imposto das autoridades na manutenção daquilo que se chamou "ordem", ainda que, de fato, o modelo que sobreviverá será uma mescla das atitudes de ambas as classes (CORBIN, 1989: p. 89). Assim, observamos que a uniformização do banho de mar obedeceu a três ditames: o moral, o terapêutico e a dinamicidade, a partir da acentuação das normas de pudor que, de acordo com Norbert Elias acompanhavam o processo civilizatório a que a sociedade da época "tentava" impor-se (ELIAS, 1993).

O uso dos banhos frios de mar, de rio ou de "tina" reportam a experiência dos povos da antiguidade clássica, que consideravam o

banho um dos principais elementos para a preservação da saúde.

Na Inglaterra do final do XVII a emergência da moda⁷ dos banhos terapêuticos, herdados dos romanos⁸ e a "prosperidade" das spas (estações de águas termais) multiplicaram-se no interior do país. As principais estâncias inglesas foram Bath e Brighton, e seu sucesso impulsionou a abertura de outros estabelecimentos na Europa como Spa-Francorchamps na Bélgica, Aix-La-Chapelle, Baden Baden e Schwalbach na Alemanha, Aix-le-Bains e Vichy na França e Saint Moritz na Suíça.

Em meados do século XVIII, o médico Tronchin combinou o projeto inovador de reforçar as fibras com a resistência moral. Para ele a água fria deveria endurecer o corpo, auxiliando as fibras corporais. Nesta época o importante para o corpo era a firmeza de seu tônus muscular, ele deveria manter-se resistente frente as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade europeia e que foram sendo "transportados" para o mundo ocidental rapidamente. Eric Hobsbawn ao escrever sobre a rápida disseminação da economia capitalista,

(ela), como não poderia deixar de ser, tornou-se global. Ela consolidou essa sua característica de forma mais intensa durante o século XIX, a medida que foi estendendo suas operações para regiões cada vez mais remotas do planeta, transformando assim essas áreas de modo mais profundo. Sobretudo, essa economia não reconhecía fronteiras,

⁷ Conforme George Simmel a moda é uma forma social que atende simultaneamente ao desejo de adaptação social, pela imitação de um exemplo dado, e ao desejo de diferenciação, seja pela mudança constante de seus conteúdos, seja porque as modas diferem segundo as classes sociais. Por um lado, a moda propicia a união com aqueles da mesma classe, enquanto por outro marca uma exclusão dos demais grupos. Disso decorre que a essência da moda esteja na sua transitoriedade: assim que os grupos desejosos de ascensão social adotam uma moda, os que estão situados acima deles devem abandoná-la por outra. O mesmo desejo de exclusividade contribui para valorizar a importação de modas estrangeiras. SIMMEL, George. *On individuality and social forms (selected writings)*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971, p. 295-306. Apud VENEU, Marcos Guedes. *O flaneur e a vertigem: Metrópole e subjetividade na obra de João do Rio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990, p. 229-243.

⁸ Os pioneiros nos balneários coletivos foram os babilônicos. E os gregos iniciaram a prática dos banhos no Ocidente. Na Grécia obanho, além de ser motivado pela higiene e espiritualidade, o esporte, particularmente a natação impulsionou o hábito de apreciar o banho. Os romanos herdaram dos gregos a prática dos banhos. Eles construíram termas "suntuosas" em diversos locais, como as de Caracala, inaugurada em 217 e as termas de Diocleciano do ano de 305. Esses edifícios tinham a capacidade para receber entre 1600 e 3200 pessoas. Cada salão das termas era decorado com estatuetas e mosaicos. Ao redor de um pátio central havia uma espécie de sauna, vestiário e piscinas de água quente, morna, fria e ao ar livre. Cf. *Aventuras na História*. São Paulo: Editora Abril, março 2007. Edição 43.

funcionando melhor onde nada interferia na livre movimentação dos fatores de produção (HOBSBAWN, 1997: p. 97).

A Revolução Industrial teve início na Inglaterra no último quartel do século XVIII, mais precisamente após 1780, logo alcançaria outros países europeus como França, Bélgica e Irlanda, promovendo mudanças no comportamento da sociedade ocidental, estabelecendo novos hábitos e costumes. *Nada poderia detê-la. Os deuses e os reis do passado eram impotentes diante dos homens de negócios e das máquinas a vapor do presente* (HOBSBAWN, 1997: p. 97).

Na década de 1870, uma segunda Revolução conhecida como científico-tecnológica afirmou na industrialização o gerador de novos padrões civilizacionais na Europa. Contemporânea à Revolução Industrial, em 1789, na França eclodiria a Revolução Francesa, *um marco em todos os países. Sua influência direta é universal, pois ela forneceu o padrão para todos os movimentos revolucionários subsequente* (HOBSBAWN, 1997: p. 73). Para o mesmo autor, a economia mundial sofreu a influência da Revolução Industrial, sendo a política e as ideologias formados pela Revolução Francesa (HOBSBAWN, 1997: p. 19).

Na Revolução Francesa não houve um movimento organizado, mas

um consenso de ideias gerais entre um grupo social bastante coerente que deu ao movimento revolucionário uma unidade efetiva. O grupo era a 'burguesia', suas ideias eram as do liberalismo clássico, conforme formuladas pelos 'filósofos' e 'economistas' e difundidas pela maçonaria e associações informais (HOBSBAWN, 1997: p. 20).

Essas duas revoluções foram um marco para o mundo ocidental, estimulando a economia, definindo novos postos de trabalho para a população, e como consequência estabelecendo novos padrões de consumo. A construção de estradas de ferro multiplicou-se, facilitando a comunicação entre diversos locais. E a emigração registrou um grande volume de pessoas que se deslocaram pelo mundo, *cerca de cinco milhões de europeus se deslocaram entre os anos de 1816 e 1850.* (HOBSBAWN, 1997: p. 189).

A concentração de indústrias modernas, a expansão do consumo, modificaria a face das cidades com a construção de novos prédios, a ampliação de ruas e avenidas e a inserção de novos hábitos de higiene, adotados pela crescente burguesia. Conforme Georges Vigarello o banho instalou-se nas práticas das elites no

final do século XVIII, estabelecendo um novo papel para a água, mais funcional, mais real, familiarizando esta faixa social a este novo costume (VIGARELLO, 1996, p. 177).

Novas práticas higienistas estiveram presentes no momento dedicado a limpeza do corpo, tornando o uso da água, nos gabinetes de banhos, banheiras e gabinetes de toalete parte do ritual de asseio praticado pelos mais privilegiados. Estes ao sucumbirem a fama dos banhos e dos banhos medicinais, procuraram em estações termais os divertimentos, o requinte e o conforto para seus próprios deleites. O autor português Ramalho Ortigão observou que a estrutura dos estabelecimentos primavam pelo bem estar dos frequentadores e o luxo encontrava-se presente nas instalações. Para Ortigão, ali

[...] as pessoas que geralmente frequentam durante o período das águas os Cassinos da Bélgica e da Alemanha não são propriamente os doentes. São as pessoas ricas e ociosas que procuram Baden ou Spa, como outras escolhem Mônaco ou o Cairo, como simples lugares de prazer e de jogo, como prazos anuais dados à moda, ao chic, ao amor fácil, à toilette ligeira. Nessa população ruidosa e garrida figuram principalmente os jogadores de profissão, as cocotes e os crevés, que não vão diretamente às águas, mas sim a roleta. O que para eles se trata de fazer saltar não são os reumatismos, são as bancas (ORTIGÃO, 1875: p. 17).

Os banhos medicinais impulsionaram novas formas de sociabilidade entre os banhistas, que além de aproveitarem as abluções matinais recorriam aos divertimentos noturnos disponibilizados pelos estabelecimentos hoteleiros como parte do tratamento terapêutico oferecido. Stelio Marras citando Ramalho Ortigão reproduziu claramente as virtudes do banho frio junto ao intelecto e a moral:

A atividade do corpo e do espírito redobra: sentimo-nos com mais aptidão para o trabalho; experimentamos finalmente um sentimento geral de força e de bem estar físico, intelectual e moral, que resulta do equilíbrio dos órgãos e da harmonia das funções. Colocando-nos unicamente no ponto de vista da pura higiene, podemos dizer que o banho frio (...) convém geralmente às pessoas de qualquer sexo, de qualquer temperamento, de qualquer constituição⁹.

⁹ MARRAS, Stelio. A propósito de águas virtuosas. Formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 294. *Apud* ORTIGÃO, Ramalho. As praias de Portugal. Guia do banhista e do viajante. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1966, p. 257-258. (A edição utilizada por Stelio Marras é do ano de 1966, em nosso texto estamos utilizando a edição de 1943.)

Com o tempo, o prazer da natação e dos esportes aquáticos fortaleceram-se, alimentando a vontade de estabelecer uma relação próxima com o mar. A medicina do século XIX buscou compreender os benefícios dos banhos e estabelecer os tratamentos necessários para a cura das enfermidades que atingiam os cidadãos.

No discurso higienista em voga, médicos lançavam obras referentes ao assunto. No *Dicionário Enciclopédico das Ciências Médicas*, publicado em Paris em 1871, sob a direção do Dr. Dechambre lê-se a respeito do banho:

O uso habitual e cotidiano do banho frio exerce na saúde a mais feliz influência. A pele tonifica-se, aviva-se, conserva a sua frescura e a sua agilidade. No verão o banho modera a transpiração, previne a debilitação que se segue a secreção abundante do suor. No inverno corrige a disposição que tem algumas pessoas para contrair anginas e bronquites (ORTIGÃO, 1943: p. 297).

Os frios banhos de mar no século XVIII tornaram-se prática recomendada pelos profissionais da saúde. As classes dominantes, não beneficiadas pelo vigor do trabalho sentem-se inquietas devido as novas ansiedades, as neuroses, a falta de energia e virilidade. Buscam no contato com a natureza indomável do mar a vitalidade para a saúde do corpo e da mente. Nessa perspectiva a emergência do desejo de frequentar as praias de mar tornou-se cada vez mais presente, esperando-se que ele,

acalme as ansiedades da elite, que restabeleça a harmonia do corpo e da alma, que estanque a perda de energia vital de uma classe social que se sente particularmente ameaçada em suas crianças, suas raparigas, suas mulheres, seus pensadores. Espera-se dele que corrija os males da civilização urbana, os efeitos perversos do conforto, embora respeitando os imperativos da "privacy"¹⁰.

Tornou-se claro que a partir do momento em que as elites sociais "descobriram" a praia, este espaço concebido como uma criação divina "catastrófica", passou a representar a função simbólica de "ostentação do poder social" das camadas abastadas através de rituais de interação social "inventados" no litoral marinho.

O vilegiaturistas das estações balneares do século XIX, apesar das distinções sociais, promoveram neste espaço a

¹⁰ Segundo Corbin a "privacy" indica a intimidade que define e possibilita o exercício da vida privada. CORBIN, Alain. O território do vazio. Op.cit., p. 74.

sociabilização e a interpenetração cultural dada a presença tanto de membros da alta nobreza, como de burgueses e de funcionários dos estabelecimentos.

O gosto pela orla marinha e pelos banhos de mar iniciou uma nova fase de ocupação do litoral, alicerçada, entre outros elementos, no desenvolvimento dos transportes sobre trilhos, que correspondeu a uma incrementação dos banhos a um maior número de frequentadores de outros extratos socioeconômicos.

Um exemplo da disseminação do prazer pelos banhos a demais camadas da sociedade foi o que escreveu Alberto Pimentel, ao dividir a população da Foz do Douro em Portugal do início de 1860 em dois turnos. Segundo ele, o primeiro que estancia aí o mais tardar até o início de outubro é composto por gente do Porto, famílias ricas, titulares, empregados públicos, etc. O segundo turno, que chega só depois das colheitas, é o da gente de Cima do Douro, lavradores ricos, proprietários, pessoas abastadas, sem exclusão da gente menor, os feitores, os caseiros, os remediados e até os pobres (PIMENTEL, 1983: p. 245-246).

A presença de frequentadores menos abastados nas praias promoveu novos padrões de comportamento, ampliando as relações estabelecidas no beira mar ao inserirem neste ambiente posturas e maneiras de ser e estar próprias das populações de classe mais baixa.

A praia terapêutica foi contemporânea da praia dos lazeres, ali uns iam para tratar suas enfermidades e outros "aproveitavam" para vivenciarem no local seus prazeres. O hábito dos banhos de mar esteve relacionado as novas práticas higienistas do Ocidente, culminando em uma nova relação dos homens com seus corpos e o prazer do "estar limpo" para suas atividades de lazer¹¹.

O desejo de gozar dos banhos de mar frios revelaria novos padrões de comportamento na sociedade europeia. Foram os ingleses que "inauguraram" o espaço da praia para a cura do corpo e da alma. Nesse local circulavam pessoas em busca de terapias

¹¹ O limiar do século XX assegurou um novo direito aos homens, a assistência médica. Segundo Anne Marie Moulin a medicina ocidental tornou-se não apenas o principal recurso em caso de doença, mas um guia concorrente das tradicionais direções de consciência. Ela viria *promulgar regras de comportamento, censurar os prazeres, aprisionar o cotidiano em uma rede de recomendações. Sua justificação residia no progresso de seus conhecimentos sobre o funcionamento do organismo e a vitória sem precedentes que reivindicava sobre as enfermidades, atestada pelo aumento regular da longevidade.* MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: COURTINE, Jean-Jacques. História do corpo. 3. As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2009, p. 15.

relacionadas as águas marinhas¹². As novas práticas incluíam estadias de meses no litoral, a fim de banharem-se nas águas, aspirarem o ar úmido do litoral, apreciarem os passeios nas areias brancas e perderem o olhar na imensidão do vazio do oceano.

Desde meados do século XVIII, a estadia na praia de Brighton tornou-se prática socialmente valorizada, sobretudo a partir do momento em que passou a ser frequentada pelas elites. Ao pensarmos os banhos de mar como uma "prática civilizada", permeada de simbolismos, o litoral marinho tornou-se o ambiente ideal para as pessoas sentirem-se "livres" ao entrarem em contato com a natureza marítima. O "ir a banhos" conduziu o aristocrata, o burguês, o "homem de negócios" e o pai de família a apreciar em determinada época do ano os usos terapêuticos do mar. Esta nova prática, acabou popularizando-se, em primeiro lugar, junto aos extratos sociais mais elevados, estendendo-se depois as camadas mais baixas da população.

Conforme Anne Martin-Fugier os ingleses, a época da Restauração¹³ "descobriram" os banhos de mar depois de haverem sido privados de se instalarem em Dieppe, ali

¹² Em 1791, começou a construção do primeiro hospital marítimo de Margate em Westbrook na Inglaterra. O *Royal Seabathing Infirmary and Royal national hospital for scrofulos* recebeu seus primeiros doentes no ano de 1796. Possuía 250 leitos, ficava aberto o ano inteiro, recebendo crianças e adultos de ambos os sexos. Por falta de camas, houve aqueles que hospedaram-se nos arredores e que também recebiam o tratamento, como as consultas, os medicamentos e os banhos. Em 85 anos recebeu aproximadamente 50.000 pacientes. Os hospitais marítimos ganharam fama na Europa na época, Alemanha, Itália, França e Áustria inauguraram seus estabelecimentos. JUNIOR, José Domingues d'Oliveira. A medicação marítima no tratamento da escrófula. Porto: Typographia de Viuva Gandra, 1888. (Dissertação Inaugural apresentada a Escola Médico-Cirúrgica do Porto).

¹³ Segundo Anne Martin-Fugier *data do Primeiro Império o início da exploração das águas de fonte, em 1809, onde havia 1200 pessoas em tratamento em Aix-Les-Bains, e da Restauração a descoberta dos banhos de mar. Em 1822, o Conde de Brancas, subprefeito de Dieppe, funda o primeiro estabelecimento de banhos de mar, e consegue levar a Duquesa de Berry ao local. Até 1830, em julho de cada ano, a corte se desloca para Dieppe. Depois de 1830, os aristocratas do faubourg Saint-Germain conservam o hábito. Dieppe, na época é o único balneário realmente organizado, mesmo que, em 1835, já se comece a falar da pequena praia de Biarritz, que, no Segundo Império, se tornará a estação predileta da imperatriz Eugênia. No final da Monarquia de Julho, a praia de Trouville, na costa normanda, entra na moda, embora mais burguesa e menos chique do que Dieppe.* FUGIER, Anne Martin. O rito da vida privada burguesa. In: PERROT, Michele (org.). História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991, p. 231. O faubourg Saint-Germain é um bairro histórico de Paris, conhecido por suas mansões suntuosas, muitas delas atualmente transformadas em hotéis. O bairro abrigou a aristocracia francesa.

formaram a plage no sentido moderno desta expressão francesa, e foi a própria e famosa duquesa de Berry quem solenemente inaugurou a praia de Dieppe, ao meio dia preciso, enquanto se ouviam os repiques festivos de sinos e trovejavam salvas os canhões da época, entrou no mar, conduzida pelo inspetor médico real das águas, que lhe dava a mão. Esse funcionário trajava casaca preta e luvas brancas (MACHADO, 2000: p. 205).

A entrada da duquesa nas águas do mar representa a "penetração" da civilização ocidental na natureza marinha, este rito de passagem, realizado por uma figura da aristocracia proporcionou a garantia de que o mar caótico passará a abrigar os banhistas em seus momentos de deleite a beira mar. Esta cena a beira mar ilustrou o poder das elites em se apropriar e disseminar novos hábitos comportamentais perante uma sociedade que transformava-se social e culturalmente.

A ida a praia do século XIX tornou-se um ritual codificado, onde seus passeantes criaram normas específicas para o local, preconizando novos hábitos de lazer ao elegerem o beira mar como espaço de deleite para seus tempos livres, para, posteriormente o momento em que as "férias" remuneradas passaram a fazer parte da rotina de trabalho dos operários.

A necessidade de disciplinar os espaços e a vida social é uma característica própria das elites, e no momento em que atribuem-se para si a função de domesticar o litoral marítimo, "criam" estilos e posturas onde possam demonstrar o poder que possuem para influenciar outros segmentos da sociedade em voga.

A paisagem do beira mar sofreu transformações com o aparecimento de construções destinadas aos banhistas. O rápido desenvolvimento do espaço litorâneo deveu-se ao fato de que muitas famílias burguesas começaram a procurar nos balneários um local para passar as férias.

Os lazeres no litoral marinho foram incorporados ao período destinado as férias familiares. No contexto da Revolução Industrial, a conquista de novas formas de lazer deu-se através do desenvolvimento do *progresso técnico e a emancipação social* (DUMAZEDIER, 1999: p. 20) dos direitos dos trabalhadores. Sua prática foi relacionada ao *progresso da cultura intelectual dos trabalhadores* (DUMAZEDIER, 1999: p. 20) e possuiu *traços específicos da civilização nascida da Revolução Industrial* (DUMAZEDIER, 1999: p. 26).

O contato com a água fria do mar trouxe benefícios para a

saúde e a chance de se levar uma vida de muitos prazeres atraía cada vez mais frequentadores as praias. A sensação de bem-estar apoderou-se dos corpos dos indivíduos e eles passaram a aproveitar as maravilhas proporcionadas pelos banhos de mar.

No segundo quartel do século XVIII, a escritora inglesa Jane Austen costumava passar os verões na costa com sua família e em sua obra *A abadía de Northanger*, relatou a trajetória de uma jovem dama e seus amigos em visita ao balneário de Bath, estância termal ao sudoeste da Inglaterra, local frequentado pela aristocracia inglesa e famílias burguesas. Austen escreveu *em Bath, há várias lojas que deveriam ser visitadas; alguma nova parte da cidade que deveria ser observada; a casa de bombas onde caminhavam para cima e para baixo por uma hora, olhando para todo mundo e não falando com ninguém. [...] Era necessário ir aos Salões Superiores, ao teatro e ao concerto* (AUSTEN, 2009: P. 21-22).

A vilegiatura¹⁴ marítima passou a fazer parte do período dispensado à cura de moléstias e o uso dos banhos por prazer pela sociedade europeia lançou a "moda" de passar o tempo livre nas estações balneares. Aproveitavam a estação de banhos para recuperarem as energias perdidas nas cidades, onde encontravam-se os amontoados, a sujeira, as águas pútridas. O desafio frente ao desconhecido proporcionava *gozar o mar, neutralizar o temor que ele inspira pressupõe estar-se protegido do furor dos elementos sem se estar privado do espetáculo, donde os dispositivos que erigem os estabelecimentos de banhos sobre um molhe a dominar o mar enraivecido* (RAUCH, 2001: P. 95).

Ao longo do século XIX, cenários foram construídos no entorno do beira mar e redes de sociabilidade passaram a abranger todas as camadas sociais, atendendo todo tipo de cidadão e disponibilizando serviços (trem, hotel, restaurantes, entre outros) para todos. Ou seja, *a vilegiatura revelou um novo uso do tempo ritmado pelas estações* (RAUCH, 2001: P. 98).

Ao dotar as estâncias balneares de vários espaços sociais, seus empreendedores tornaram esses locais centros de lazer de extrema importância para o divertimento de vários segmentos da

¹⁴ Anne Martin-Fugier citou Goldoni sobre o sentido de *La villegiatura*, uma célebre trilogia encenada em Veneza em 1761, ou seja, *um inocente divertimento do campo, transformado em nossos dias em uma paixão, uma mania, uma desordem*. Nesta época o ano divide-se em dois: a estação mundana (inverno e primavera) e a vilegiatura (verão e uma parte do outono). A burguesia segue os passos da aristocracia e passou a desfrutar da vilegiatura. FUGIER, Anne Martin. O ritos da vida privada burguesa. Op. cit., p. 228.

sociedade. O hábito de gozar as férias junto ao mar configurou, no seio familiar, uma nova forma de desfrutar os tempos livres, e para que isso ocorresse foi fundamental o desenvolvimento dos transportes, em especial o caminho do ferro e a publicidade, evidenciando os benefícios dos banhos e as comodidades oferecidas nos balneários.

A modernidade foi um fenômeno desencadeador no mundo ocidental de alterações profundas na sociedade, impulsionando novos padrões de consumo e consolidando uma nova relação dos homens com o mar, que passaram a usufruí-lo com o intuito de cura para restabelecer a saúde, física e mental através dos banhos de mar frios, realizados em determinadas horas do dia, na maioria das vezes prescritos por médicos.

Segundo Louis Dumont a perspectiva de independência que se verá surgir na Modernidade tem, entre seus fundamentos, o entendimento do indivíduo como um “ser moral, independente, autônomo e, assim, essencialmente, não social”. Esse entendimento vai se constituir, concretamente, apenas entre os séculos XVIII e XIX, e ser interiorizado no século XX. A Modernidade é o momento de culminância de um processo em que não só se encontra a separação entre ser humano e natureza, como também a separação, ainda que formal, entre todos os seres humanos que se tornam, desde então, indivíduos¹⁵.

A Modernidade coroada pelas Revoluções Burguesa e Industrial opera, de fato, essa transformação do ser humano em objeto de conhecimento, com um incremento do interesse pelo corpo, com base nas diferentes perspectivas postas na sociedade e nos conflitos de interesses que estão em jogo. Há, em especial, dois focos de atenção, o desenvolvimento de uma medicina privada, formada com base nos interesses do mercado que se estrutura, e o desenvolvimento de uma medicina voltada para o corpo social que se expande. Nesse momento, a ciência e, em especial, uma certa

¹⁵ O período no qual vai se caracterizar essa entrada em cena de um interesse pelo corpo e de uma forma específica de trato corporal é identificado com a Modernidade, definida pela “destruição das ordens antigas”, pelo “triunfo da racionalidade subjetiva ou instrumental” e pelo “processo de subjetivação”¹ que se forma no interior do individualismo, todos esses termos amparados por uma tendência inédita à universalização de seus valores e normas, levando a uma ocidentalização do mundo. Esses três termos acima definidos serão os guias para a exposição que segue, na tentativa de construir uma narrativa capaz de sustentar a ideia da modernidade do interesse pelo corpo numa sociedade racional, da identificação do indivíduo com sua própria dimensão corporal.

DUMONT, Louis. O individualismo. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

racionalidade desempenham um papel fundamental; as percepções em torno do corpo vão estar profundamente relacionadas com as novas percepções de universo e de sociedade que vão se popularizar a partir dos avanços dessa produção científica¹⁶.

As novidades despontaram nas vitrines a "céu aberto", onde o consumo tornou-se parte da rotina da sociedade do século XIX e a publicidade em torno das estações balneares buscou na aristocracia e na burguesia seus principais frequentadores. O desfile a beira mar propagava as modas utilizadas nas praias estabelecendo novas maneiras no vestir, na prática de esportes e nos padrões estéticos.

Estes novos tempos foram enfatizados por Alberto Pimentel ao referir-se as mudanças ocorridas a partir da metade do século XIX, *triumfa o progresso, triunfa a civilização, viva o progresso* (PIMENTEL, 1983: p. 245).

Os balneários, suas avenidas, ruas e praças apropriaram-se de práticas já exercidas nas grandes cidades europeias, onde as pessoas,

ai vão para ver e ser vistas e para comunicar suas visões uns aos outros, não por qualquer motivo oculto, ganância ou competição, mas um fim em si mesmo. Sua comunicação e a mensagem da rua como um todo são uma estranha mistura de fantasia e realidade. (...) A rua age como um cenário para as fantasias das pessoas, fantasias daquilo que elas querem ser (BERMAN, 1986: p. 188).

A prática dos banhos de mar data da mais remota antiguidade. A medicina atribuiu a *thalassotherapy*, além do prazer da natação e a higienização dos corpos, os seus feitos terapêuticos, prescrevendo os banhos de mar frios contra diversas afecções cutâneas, tratamento da *escrófula*¹⁷, doenças nervosas e doenças

¹⁶ SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

¹⁷ Segundo José Domingues, o inglês Richard Russel demonstrou clinicamente a eficácia do tratamento marítimo sobre as escrófulas em seu livro *De tabe glandular, seu de uso aquae marinae in morbis glandularum*, publicado em 1750 em Oxford. JUNIOR, José Domingues d'Oliveira. A medicação marítima no tratamento da escrófula. Porto: Typographia de Viuva Gandra, 1888. (Dissertação Inaugural apresentada a Escola Médico-Cirúrgica do Porto). Denomina-se a escrófula um processo infeccioso que afeta aos gânglios linfáticos (com frequência os do pescoço), causado pelo *Mycobacterium tuberculosis* (ainda que em meninos também pode se dever a *Mycobacterium scrofulaceum* ou *Mycobacterium avium*). A infecção contrai-se ao contato com pacientes propagadores do *Mycobacterium*, através das vias aéreas. A infecção se dissemina pelo organismo e quando coloniza os gânglios cervicais provoca úlceras características ("escrófulas") que podem drenar material

crônicas em geral.

Conforme Georges Vigarello, a palavra higiene (hygeinos em grego significa "o que é são") passou a circular no início do século XIX. Manuais ou tratados de "cuidados" ou de "conservação da saúde" tornaram-se "tratados ou manuais de higiene". O hábito do banho tornou-se um ritual de higiene, a nova disposição das cidades e de locais públicos preconizou novos hábitos de higiene. Vigarello afirmou que a mudança de status desse saber incentivou o surgimento de novas instituições, como as comissões de salubridade com o intuito de fiscalizar estabelecimentos e promover a renovação dos espaços (VIGARELLO, 1996: p. 186-187).

Arthur Schnitzler descreveu o doutor Gräsler em sua obra *Médico das termas*, que se dispôs a trabalhar na época balnear, em princípios de maio, verão europeu, "*trabalho no consultório foi, desde logo, promissor [...]. E assim o princípio do verão passou [...]. O céu era sempre de uma claridade suave, o ar tépido como a primavera, [...] uma sensação de bem estar tomava conta dele* (SCHNITZLER, 2002: p. 18-19).

A terapêutica marítima tornou-se um trabalho promissor para os profissionais da saúde. Médicos tornaram-se especialistas no assunto, acompanhando seus pacientes em temporadas nas estações termais e balneares, e alguns hotéis possuíam consultório com profissionais para atender seus clientes, atraindo cada vez mais frequentadores para seus estabelecimentos.

A prática médica do século XIX destacou que os efeitos benéficos das águas do mar evidenciavam sua ação higiênica e terapêutica ao corpo humano, e quando acompanhadas por recomendações de exercícios físicos como a natação, caminhadas a beira mar e passeios de barco realizados com moderação e regularidade promoviam ações curativas ao organismo.

Os banhos foram incorporados a rotina diária dos cidadãos em suas temporadas a beira mar. Os mais distintos higienistas aconselhavam as imersões no mar sem o menor perigo para a saúde, pelo contrário exaltavam os banhos como uma forma de superação da fadiga, sendo uma experiência extremamente agradável (SCHNITZLER, 2002: p.19).

Através da observação realizada por profissionais da saúde no momento em que seus pacientes banhavam-se no mar,

purulento. O paciente aparecerá com tosse, febre e cansaço. <http://estudandoraras.blogspot.com/2010/11/escrofula.html>. (acessado em 17/03/2010).

considerou-se que suas águas como um processo de tratamento médico promoviam melhorias visíveis sobre a pele, tornando-a *menos seca, mais consistente, mais quente e mais lustrosa* (HASSE, 1999: p. 23). Segundo Manuela Hasse a permanência de alguns dias seguidos sob a influência do mar,

mergulhadas num micro clima marcado pelas neblinas matinais, a unidade da atmosfera, o valor temperado das temperaturas, a baixa pluviosidade, elementos climáticos especiais a que se associavam os banhos de mar, o repouso, a boa alimentação, o exercício físico, favorecia alterações visíveis nos corpos, indícios confirmadores das melhorias declaradas (HASSE, 1999: p. 23).

Segundo José Domingues Junior, por volta de 1830, os banhos de mar tornaram-se uma terapêutica preciosa. Trabalhos acadêmicos começaram a aparecer *de toda a forma e de todo o gênero sobre os banhos, estudaram suas diversas propriedades, os efeitos terapêuticos, a sua aplicação a higiene e a medicina* (JUNIOR, 1888: p. 03). Sobre os hospitais, Domingues escreve que alguns hospitais inaugurados neste período partiram da iniciativa privada, como podemos observar.

É a iniciativa de Smits que a Holanda deve o lugar que ocupa na história dos hospitais marítimos. Smits auxiliado pelos habitantes ricos de Amsterdã criou em 1865 na praia de Zandwort um hospício com 16 camas para receber as crianças escrofulosas durante do verão. (...) Na praia de Beck-sur-mer há um chalet, mandado construir e sustentado pelos banqueiros Rotschild, com 24 camas para crianças de ambos os sexos. Nice e Cannes possuem também cada uma um hospital. O serviço de banhos de mar para o exército francês constituiu-se definitivamente em 1872. Os soldados são enviados durante a estação de verão para os quartéis do litoral e, os mais doentes, repartidos pelos hospitais de Marselha, Nice, La Rochelle, Dunquerque e Calais (JUNIOR, 1888: p. 07-08)

Dessa forma, médicos e higienistas, através do conhecimento científico, passaram a prescrever às novas práticas dos banhos de mar a seus pacientes. A sociabilidade terapêutica tomou forma, não apenas em tratamentos médicos, mas passou a levar famílias inteiras a desfrutarem dos banhos, unindo a melhoria da saúde ao bem estar oriundo do estabelecimento de redes de relações entre os frequentadores das estações balneares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTEN, Jane. A abadia de Northanger. São Paulo: Editora Landmark, 2009.
- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BRAUDEL, Fernand. Memórias do Mediterrâneo: Pré-História e Antiguidade. Lisboa: Terramar, s.d.
- CORBIN, Alain. O território do vazio – a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- DUMAZEDIER, Joffre. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- HASSE, Manuela. Oeiras e o desenvolvimento de novos comportamentos de lazer. A valorização de um novo mundo: o mar, a praia e as férias. In: Lecturas: Educación Física y Deportes – Revista Digital. Año 4. Nº 14. Buenos Aires, Junio 1999.
- JUNIOR, José Domingues d'Oliveira. A medicação marítima no tratamento da escrófula. Porto: Typographia de Viuva Gandra, 1888. (Dissertação Inaugural apresentada a Escola Médico-Cirúrgica do Porto).
- MACHADO, Helena Cristina F. A construção social da praia. Sociedade e Cultura 1. Cadernos do Noroeste. Série Sociologia. vol. 13 (1), 2000, 201-218.
- MARRAS, Stelio. A propósito de águas virtuosas. Formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: COURTINE, Jean-Jacques. História do corpo. 3. As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2009.
- ORTIGÃO, Ramalho. Banhos de caldas e águas minerais. Livraria Universal, 1875.
- _____. As praias de Portugal – Guia do banhista e do viajante. Portugal: Livraria Clássica Editora, 1943.
- PERROT, Michele (org.). História da vida privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Vol. 4. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.
- PIMENTEL, Alberto. O Porto há trinta anos. Porto: Livraria Universal, 1983.
- RAUCH, André. As férias e a natureza revisitada (1830-1939). IN: CORBIN, Alain (org.). História dos Tempos Livres – O advento do Lazer. Portugal: Editora Teorema, 2001.
- SCHNITZLER, Arthur. Doutor Gräsler: Médico das termas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

SENNET, Richard. Carne e pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

VIGARELLO, Georges. História da beleza. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____. O limpo e o sujo. Uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Recebido em 30/05/2014

Aprovado em 23/07/2017